

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
INDEPENDÊNCIAS NOS ARQUIVOS ITALIANOS
EM COLABORAÇÃO COM O ICNOVA-FCSH (UNL) / ESCOLA DAS ARTES – UAL /
HANGAR E COM O APOIO DO ARCHIVIO AUDIOVISIVO DEL MOVIMENTO
OPERAIO E DEMOCRATICO (ROMA)
8 de outubro de 2024**

I DANNATI DELLA TERRA / 1969

Um filme de Valentino Orsini

*Realização: Valentino Orsini / Argumento: Frantz Fanon, Alberto Filippi, Valentino Orsini /
Produção: Giuliani G. De Negri / Música: Benedetto Ghiglia / Direção de Fotografia: Giuseppe
Pinori / Montagem: Paolo Lucignani / Design de Produção: Gianni Sbarra / Guarda-roupa: Lina
Nerli Taviani / Som: Adriano Taloni / Interpretações: Frank Wolff (Fausto), Marilù Tolo
(Adriana), Serigne Ndiaye Gonzales (Abramo), Carlo Cecchi (Ingardo), Marina Malfatti
(Luciana) / Cópia: Digital, a preto-e-branco, falado em italiano e em francês com legendas
eletrónicas em português / Duração: 86 minutos / Estreia Mundial: 1969, Festival dei Popoli,
Florença/ Inédito Comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

Com a presença de Mariano Mestman.

Aviso: alertamos para a baixa qualidade de som e de imagem da cópia digital que irá ser projetada. A exibição far-se-á acompanhar de um omnipresente logotipo do Centro Sperimentale di Cinematografia, facto que não conseguimos contornar. Na impossibilidade de apresentarmos uma cópia analógica de qualidade e face à raridade do presente filme, decidimos exibi-lo assim mesmo, sopesando todos estes inconvenientes que lamentamos.

*Basta com a sua violência! Eu rejeito-a. Sou a favor da paz. Então: viva a paz! Mas com a paz não se detém a violência, porque quem sofre a violência, é evidente, não está em paz. Então: abaixo a paz, que não detém a violência! Na realidade, a paz virá depois, quando não houver mais violência. E enquanto durar a sua violência, não estaremos em paz.
Abaixo a violência!*

*Pode dizer-se, com a desculpa da paz: “Eu estou em paz”? Mas como? Sou eu, apenas eu, quem está em paz. E com a minha paz, exerço a violência sobre aqueles que a sofrem, e que não estão de todo em paz. Então? Viva a violência, que pode deter a violência e devolver-nos a paz. E então: porque só dizê-lo e não fazê-lo, se sabemos que a violência é uma boa ação e a nossa paz apenas belas palavras?
Então, viva a violência!*

Fala extraída de **I Dannati della Terra**

Sem dúvida que um dos aspetos mais ousados e até inovadores do filme de Valentino Orsini, resistente antifascista com ligações ao PCI e, à época de **I Dannati della Terra**, já um realizador com uma obra significativa, parcialmente realizada em colaboração com os irmãos Taviani, diz respeito à integração de imagens de arquivo, recolhidas em antigas colónias africanas, nomeadamente na Guiné-Bissau de Amílcar Cabral e do PAIGC, e da autoria do próprio Orsini e de Alberto Filippi, numa ficção de forte carga mítica e simbólica. Essas imagens de arquivo, filme dentro do filme, têm um autor, identificado pelo nome Abramo. E é Fausto, realizador e professor

no Centro Sperimentale di Cinematografia, em Roma, quem as recebe e tenta “dar conta” delas, na ausência física mas com a forte presença espiritual do antigo pupilo e amigo. **I Dannati della Terra** é um filme sobre a crise de Fausto perante o projeto (e o pensamento ou o exemplo de vida) de Abramo. Nesse sentido, quase apetece designá-lo por “Dr. Fausto”, tal é a extensão, o peso e os termos do acordo que faz consigo mesmo, e que passa por continuar e eventualmente terminar a obra deixada inacabada, ao jeito de um testamento fílmico.

É um filme sobre uma crise e é um filme em crise, pois as dúvidas e os dilemas são muitos, de Fausto e de quem o rodeia, sobre essa sua tarefa tão delicada e ingrata quanto arriscada de dar forma a um manifesto político sobre as injustiças cometidas contra os povos africanos às mãos dos algozes imperialistas: “De facto, a crise não era apenas minha, pessoal, ou tua; era histórica, objetiva”, conclui Fausto a dada altura, interpelando o amigo desaparecido. E no final remata: “(...) [d]ou-me conta de que este fracasso histórico é também um fracasso individual”.

Como significar, de modo pessoal e histórico, em imagens e sons, o sofrimento dos povos africanos, oprimidos pela máquina imperialista, e ao mesmo tempo mostrar a violência mais surda, aquela que no filme é denominada de “violência por detrás da paz”? E como fazer tudo isto *sendo um europeu branco*? O filme é um “pôr em crise” constante, entre a moviola e a página em branco, reacendendo o debate em torno dos mecanismos coloniais e neocoloniais entranhados nas sociedades ocidentais. Lembra o trabalho de Sarah Maldoror, sobretudo **Monangambé** (1968), mas também ou acima de tudo Alain Resnais, no seu **Muriel ou le temps d’un retour** (1963), porque a violência que é explanada e enfrentada é tão literal quanto simbólica, manifestando-se em labirintos mentais/intelectuais ou físicos/espaciais. É uma que se esconde, nas ações e nas palavras, nas operações (mediáticas e artísticas) de ocultamento que mascaram com tons “de paz” a dita violência cultural realizada em surdina, dia-a-dia, nas nossas sociedades. Orsini, claramente veiculando muito do pensamento de Frantz Fanon (o título do filme é retirado do seu célebre livro de 1961, *Les Damnés de la Terre*), creditado como argumentista, produz o seu discurso, a sua *enquête* antirracista e anticolonialista, através de uma linguagem simbólica ou metafórica que o filme dentro do filme, que *o filme depois do filme de Abramo*, ajuda a pôr “em carne viva”.

Ficção atravessada pela História e pela estória e mundo interior do seu protagonista, **I Dannati della Terra** reflete um dilema político complexo, aspirando à constituição de um verdadeiro cinema *dos e pelos* países não-alinhados; não só de um cinema político mas, como propunha o Godard maoísta, um cinema de forma política. Segundo escreveu Mariano Mestman, no seu pormenorizadíssimo estudo sobre a obra de Orsini, adensando a relação deste, na companhia de Alberto Filippi, com o passado colonial português, «*I dannati della terra: The Italian left facing the Third World on the eve of 1968*» (*Journal of Italian Cinema & Media Studies*, Volume 9, Número 3, 2021): “Como se constrói uma contra visualidade descolonial ou uma estética de resistência (como descrito por Mirzoeff e Srivastava) capaz de ligar as lutas do Terceiro Mundo e da Europa?” Orsini, atrás da câmara, através de Fausto, formula uma questão semelhante: como transformar estas problemáticas numa forma cinematográfica viva e activa? O filme termina em suspenso, sem respostas fechadas, à maneira típica do cinema moderno, remetendo a possibilidade de uma resposta para o público ou para um auditório futuro. Fundamentalmente, trata-se de uma inquirição histórica, política e formal sobre a violência do colonialismo e o modo como esta nos pode implicar a todos.

Luís Mendonça